

Caracterização da prática de caça de subsistência dos produtores rurais do Parque Nacional da Serra do Divisor (Acre).

Amauri SIVIERO¹ & Magaly da Fonseca e Silva Taveira MEDEIROS²

¹Instituto Agronômico, CP 04, CEP13490-970, Cordeirópolis, SP. asiviero@hotmail.com

²Instituto do Meio Ambiente do Acre, Rua Rui Barbosa, 450, CEP 69900-120, Rio Branco, AC.

Introdução

A atividade de caça de subsistência praticada pelos produtores rurais no Parque Nacional da Serra do Divisor (PNSD) e seu entorno é uma atividade constante entre os moradores da região do alto Juruá. A carne de caça é bastante apreciada pelos produtores rurais do Acre sendo cerca de 26% da dieta protéica da população extrativista do Acre (Martins, 1992). A prática de caça clandestina é intensa sendo praticada, principalmente, nas cabeceiras de igarapés menores realizada por não moradores da região que comercializam clandestinamente a carne e a pele. Os principais centros absorvedores de carne de caça são as sedes dos municípios da região com destaque para Mâncio Lima, Porto Walter e Cruzeiro do Sul. A principal atividade econômica da região é a agricultura de subsistência (Siviero, 2000).

Material e métodos

A área de estudo compreende a região do alto Juruá, composta por parte do rio Juruá e seus afluentes: Azul, Moa, Juruá-Mirim e Ouro Preto das Minas. A região abrange áreas do PNSD e seu entorno, está situada no extremo oriente do Brasil e constitui a principal bacia hidrográfica do Estado do Acre. Este trabalho teve como objetivo diagnosticar a atividade de caça praticada pelos produtores rurais da região do Alto Juruá. O estudo faz parte da fase de levantamento de dados de campo realizado em 1997 sendo um subsídio indispensável ao plano de manejo do PNSD. Ao todo foram entrevistados 134 produtores rurais, correspondendo a cerca de 20% do total das propriedades agrícolas.

A metodologia empregada nas entrevistas junto aos moradores do PNSD baseou-se em dois critérios sendo, o primeiro, frequência de consumo de espécies de caça pelos moradores e o segundo critério relacionado à preferência de consumo de carne de caça. Outro fator estimado nas entrevistas foi o número de horas gastas da sede até local de caça.

Resultados e Discussão

Cerca de 82% dos moradores entrevistados no PNSD declararam que praticam a caça. Nos setores norte e sul do PNSD cerca de 72 e 73% dos moradores, respectivamente, declararam que ainda existem locais “bons de caça” nas redondezas de sua propriedade. O rio Juruá foi o único local onde 50% e dos agricultores responderam que já não existem locais bons de caça, nos demais locais mais de 50 % dos entrevistados declararam que havia locais bons para caça ao redor da sede propriedade. Na Tabela 1 estão listadas as principais espécies caçadas pelos moradores do PNSD por localidade.

TABELA 1 Espécies de animais silvestres mais caçadas pelos moradores do PNSD.

Nome comum	Nome científico	Setor Norte	Setor Sul
------------	-----------------	-------------	-----------

Veado	<i>Mazama spp.</i>	Azul e Moa	todos
Caititu	<i>Pecari tajacu</i>	Moa	Juruá e rios menores
Queixada	<i>Tayassu pecari</i>	Azul e moa	todos
Imbiara*	Diversos	Moa	todos
Paca	<i>Agouti paca</i>	Moa	todos
Macaco	várias espécies	Azul e Moa	Juruá e J. mirim
Anta	<i>Tapirus terrestris</i>	Azul	Juruá e J. mirim
Cutia	<i>Dasyprocta fuliginosa</i>	Môa	todos
Tatu	<i>Dasypus novemcinctus</i>	Moa	todos
	<i>Prionomys maximus</i>		

* Quatipuru (*Sciurus spp.*), Nambú (*Tinamus spp.*), Jacú (*Penelope jacquacu*) e outros animais de pequeno porte.

A carne de caça também é comercializada pelos moradores do PNSD sendo trocada com os regatões da região, que atualmente assumiram as antigas funções do patrão do seringal. Os proprietários dos regatões compram carne da caça (paca, queixada, anta e veado) e também carne da criação doméstica (galinha, porco e pato) e comercializam a mercadoria com ágio de até 500% em Cruzeiro do Sul.

Na Figura 1, estão demonstrados os resultados da preferência e frequência de consumo das espécies caçadas para os setores norte e sul do PNSD. Os dados referentes à categoria “Imbiara” correspondem à soma de pequenos animais entre aves e mamíferos como: quatipuru, nambú, jacú e outros animais menores.

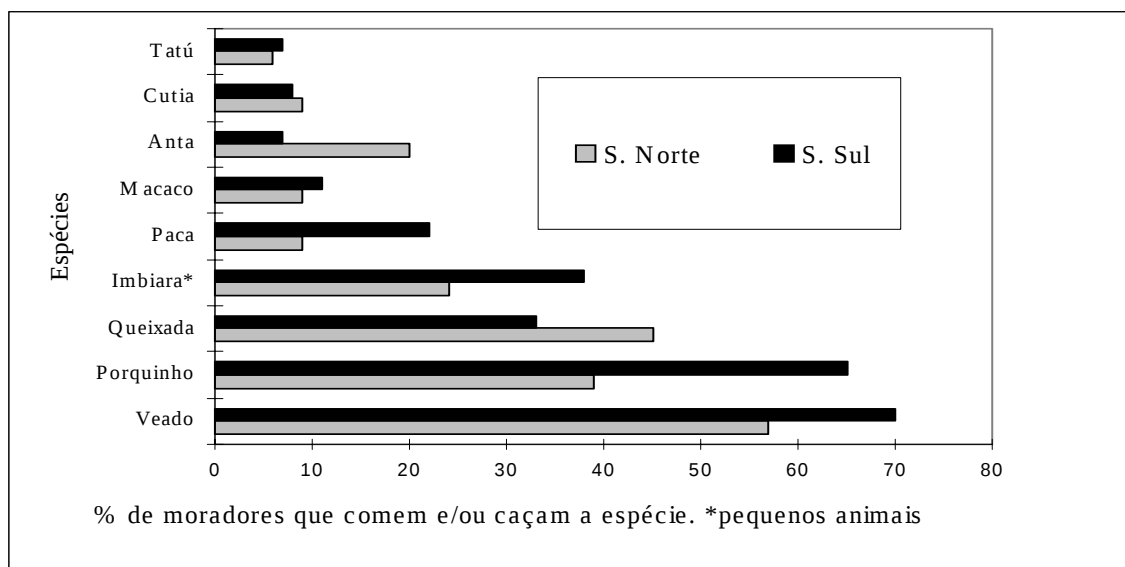


FIGURA 1. Animais de caça mais consumidos no Parque Nacional da Serra do Divisor.

As principais técnicas de caçada empregadas pelos moradores foram: a. caçada com armadilha, que consiste numa arma de fogo que é apoiada em forquilha de madeira na trilha do animal, b. a ponto, ou seja, caminhada na mata atirando no ponto do animal avistado, c. espera, quando o caçador aguarda a chegada do animal num esconderijo podendo ser um árvore e d. caçada com cachorro, ou seja, uso de um cachorro que cerca o animal quando o encontra até a chegada do caçador para o tiro.

A técnica de caça usando o cachorro é muito criticada e mal vista pelos moradores do PNSD. Alguns moradores do Igarapé Prêto, setor sul do PNSD, declararam que caçadores semiprofissionais, não moradores do PNSD, utilizam cachorros, denominados “cachorros paulistas” nas caçadas diminuindo a disponibilidade de carne de caça para a população local. O rendimento semanal de carne de caça com cachorro é de 100kg carne/cachorro. O destino da carne

é o município de Porto Walter e Cruzeiro do Sul. No Igarapé Reforma, um morador relatou ter visto caçadores utilizando até seis cachorros numa caçada.

A caça clandestina na região norte do PNSD é organizada por caçadores residentes em Mâncio Lima e Cruzeiro do Sul que na época do “inverno” sobem em barcos até às cabeceiras dos rios Azul, Môa e Paraná dos Moura, este último localizado no entorno do PNSD, e retornam após 15 a 20 dias após com até 1000kg de carne de caça. No trajeto de subida dos rios os caçadores levam até 10 sacas de sal de 50kg, em cada embarcação, que é usado na conservação da carne (salga).

Outro fator relevante é o comércio de pele de caça na região. Um morador do setor sul do PNSD relatou que a pele do porquinho ou caititú (*Pecari tajacu*) é comercializada por US\$ 5,00 no Brasil com compradores peruanos e “exportada” e, posteriormente, vendida em Pucallpa (Perú) por US\$ 30,00. O destino final da pele, segundo os moradores é a Colômbia.

Conclusões

Concluimos a região necessita de um projeto de fiscalização por parte dos órgãos responsáveis visando disciplinar a atividade de caça na região. A adoção de um programa de educação ambiental o manejo comunitário de fauna silvestre junto aos moradores, à semelhança daquele que vem sendo proposto para outras unidades de conservação do Acre (Medeiros, 2001), deve ser implementado visando o manejo sustentado da caça, redução da forte pressão de caça e capacidade de renovação da oferta do recurso no PNSD e entorno.

As consequências ecológicas como o monitoramento da população de espécies ameaçadas como atividades conflitantes, levantamento de grandes mamíferos e etnoecológico estão sendo discutidas no plano de manejo do PNSD. Uma proposta de manejo de caça para a região do PNSD deve ser implementada como forma de contribuir no uso racional da fauna da região como recurso para a subsistência. O estabelecimento de zonas para corredores naturais de fauna e uso adequado da terra deve ser previsto nas etapas de planejamento do programa de manejo do PNSD.

Agradecimentos a Miguel Scarcello – SOS Amazônia, Dra Verônica Passos – UFAC/IMAC e a The Nature Conservancy pelo apoio financeiro.

Referências bibliográficas

- MARTINS, E.S. Papel da caça de subsistência de extrativistas na Amazônia: sustentabilidade, biodiversidade e extinção de espécies. Tese de doutoramento. UnB. 1992. 122p.
- MEDEIROS, M.F.S.T. A caça de subsistência na reserva extrativista Chico Mendes - Acre: características, consumo e estratégias utilizadas. Dissertação de mestrado. UFPB. 2001 92p.
- SIVIERO, A. O sistema de produção rural adotado pelos produtores do alto Juruá. In. CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS, 2000, Manaus. Anais... Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais, III, Brasília, Embrapa, 2000, p. 374-379.